

A NORMANDIA ENTRE DOIS MUNDOS: AS RELAÇÕES POLÍTICAS DE RICARDO, O DESTEMIDO COM FRANCOS E ESCANDINAVOS

THE NORMANDY BETWEEN TWO WORLDS: RICHARD THE FEARLESS POLITICAL RELATIONS WITH FRANKS AND SCANDINAVIANS

Matheus Brum Domingues Dettmann¹

Resumo: Dentre os primeiros soberanos normandos, o governo de Ricardo I (942-996) é marcado intensamente por relações com francos e escandinavos. De fato, essas relações e o próprio posicionamento político normando quanto a elas sofreram importantes transformações em seu tempo. T tamanha alteração levanta muitas questões a respeito de qual seria a verdadeira natureza posicionamento de Ricardo nessas duas esferas de poder. Este estudo busca realizar uma análise crítica da narrativa sobre a vida e o governo de Ricardo presente na obra *De moribus et actis primorum normanniae ducum*, de Dudo de Saint-Quentin. Através deste trabalho, buscaremos obter da fonte informações a fim de possibilitar uma melhor compreensão sobre o posicionamento político de Ricardo frente a francos e escandinavos e a respeito das relações normandas estabelecidas com estes.

Palavras-chave: Normandia; Política; Medieval.

Abstract: Among the first Norman sovereigns, the Richard I (942-996) government is marked by intense relations with the Franks and Scandinavians. In fact, these relations and the Norman political position regarding them would undergo important changes in their time. Such changes raises many questions as to what was the Richard's true political nature in these two spheres of power. This study seeks to carry out a critical analysis of the narrative about the life and government of Richard present in the work *De moribus et actis primorum normanniae ducum* by Dudo de Saint-Quentin. Through this work, we will seek to obtain information from the source in order to enable a better understanding of Richard's political position about the Franks and Scandinavians and regarding the Norman relations established with them.

Keywords: Normandy; Politics; Medieval.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mb.dettmann@bol.com.br.

Introdução

Este artigo tem por objetivo buscar uma melhor compreensão do posicionamento político de Ricardo I da Normandia com relação a francos e escandinavos que não estavam sob sua autoridade direta. Desta forma, procuramos definir se Ricardo continua as políticas de seu pai, Guilherme I, e se ele prioriza suas relações com um daqueles dois grupos. Assim, ao longo deste artigo teremos como metodologia a análise da narrativa da vida e do governo de Ricardo por Dudo de Saint-Quentin, presente em sua mais famosa obra, a *Historia Normannorum*. Dentro desta análise pretendemos confirmar duas hipóteses. A primeira é a de que Ricardo buscou manter a política de seu pai de manter alianças e atuar politicamente tanto na esfera de influência franca quanto na escandinava, sem se afastar de nenhuma. A segunda hipótese é a de que esse posicionamento político do soberano normando se reflete na realidade sociocultural dessa Normandia, o que pode ser observado no relato de Dudo.

Quando tratamos sobre a história normanda e, de modo mais preciso, a história da Normandia medieval durante o século X, é costumeiro retomar, mesmo que brevemente, um importante fenômeno observado no contexto europeu desde o fim do século VIII. Trata-se da chamada Era Viking, marcada pela expansão e pelo deslocamento de populações de origem escandinava dentro do território europeu cristão e além.

Embora tenham sido notórias a atividade comercial e as importantes trocas socioculturais promovidas por esses viajantes e migrantes, eles ficariam mais conhecidos na cristandade por suas pilhagens e saques empreendidos dentro dos reinos cristãos, inclusive contra bens e homens da Igreja². Um dos reinos que mais sofreu com essa série de ataques foi o Reino da França Ocidental – reino, este, proveniente da fragmentação do Império Carolíngio de Carlos Magno (748-814) entre seus descendentes.

Além das pilhagens e ataques, esses nórdicos também buscaram se estabelecer e fundar assentamentos dentro dos novos territórios. Esses assentamentos, bem conhecidos e mapeados na região da Inglaterra, também foram presentes no continente. Podemos, inclusive, destacar sua presença na Nêustria carolíngia, existindo tanto na região do rio Sena quanto na Península de Cotentin, territórios que posteriormente pertenceriam ao ducado normando.

Nesse período, ainda não podemos falar da existência de uma Normandia propriamente dita, mas seu surgimento em 911 tem uma relação direta com estes acontecimentos³. Isso ocorre porque, no início do século X, o rei franco do Ocidente realiza uma concessão de terras na

² D'HAENENS, Albert. **As invasões normandas**: Uma catástrofe? São Paulo: Perspectiva, 1997.

³ SEARLE, Eleanor. **Predatory Kinship and the Creation of Norman Power, 840-1066**. Oakland: Univ. of California, 1988.

região do Sena a um chefe escandinavo conhecido por Rollo (860-930). O tratado de Saint-Clair-sur-Epte entre o rei e Rollo marcaria então o nascimento desta Normandia governada por Rollo e seus descendentes da dinastia normanda.

Essa concessão de terras do rei Carlos III (879-929) resultaria em grandes consequências para a geopolítica europeia medieval, visto que Rollo e seus descendentes se converteriam em importantes figuras políticas de grande influência no mundo franco. Assim surgiria e se desenvolveria a Normandia medieval, que posteriormente seria chamada de Ducado da Normandia.

Nesse contexto, os soberanos normandos tiveram que se adaptar e agir de acordo com a realidade política, cultural e econômica vivenciada dentro de seu território. Um fator de grande importância para esses soberanos era a expansão e a consolidação de sua autoridade e poder em um território formado tanto por uma população franca quanto por imigrantes escandinavos.

Deste modo, a Normandia se notabilizou por estabelecer importantes relações e alianças políticas tanto com populações e lideranças escandinavas quanto com outros nobres francos⁴. Tais relações de proximidade com francos e escandinavos também pode ser observada na esfera econômica e cultural. Tudo isso permite aos soberanos normandos se tornarem uma força política no contexto geopolítico franco e no mundo escandinavo. A política de se relacionar com francos e com escandinavos seria muito presente nos governos de Guilherme I, Longa Espada (927-942), Ricardo I, o Destemido (942-996) e Ricardo II, o Bom (996-1026).

Este artigo centraliza-se, mais especificamente, no governo de Ricardo I, da Normandia. A razão para isso é a existência de certa contradição entre a figura de Ricardo e seu posicionamento político. A política de Ricardo levanta dúvidas se sua atuação como soberano pode ser entendida como a de um legítimo príncipe franco cristão, seguindo a política de seu pai, Guilherme, ou se Ricardo promove uma ruptura com os desígnios de seu pai, priorizando suas conexões e relações com escandinavos e populações de origem nórdica, muitas vezes pagãos, do que com a cristandade franca.

Para compreender melhor essa situação, a obra *De moribus et actis primorum normanniae ducum* de Dudo de Saint-Quentin, também conhecida como *Gesta Normannorum* ou *Historia Normannorum*, foi escolhida para ser analisada neste artigo. De modo mais preciso, a narrativa feita por Dudo trata da vida e do governo de Ricardo I, soberano o qual Dudo teve oportunidade de observar a atuação dentro do convívio de sua corte em Rouen.

⁴ ABRAMS, Lesley. England, Normandy and Scandinavia. In: **A companion to anglo-norman world**. Woddbridge: Boydell & Brewer press, 2003.

Já no campo historiográfico, a relação entre política e história passou por algumas mudanças interpretativas no último século. De fato, a História Política engessada e, muitas vezes, elitista que prevaleceu durante o século XIX, focada exclusivamente nos grandes nomes e acontecimentos, perde gradativamente seu espaço na historiografia do século passado. Contudo, como salienta René Rémond, isso acabou convergindo não no desaparecimento da história política em si, mas, sim, no surgimento de uma nova História Política, priorizando novos métodos e novos objetos de estudo⁵. Também é de grande importância a proximidade e a influência dos desenvolvimentos e da evolução de outras áreas da história e das ciências humanas, como a História Cultural e a Antropologia no caminhar dessa História Política renovada.

No âmbito da historiografia medieval, podemos dizer que a busca por essa renovação pode ser traçada desde autores como Marc Bloch. Em seu trabalho sobre os reis taumaturgos, Bloch analisa a questão do poder sobre uma ótica ritualística e cultural⁶. O trabalho de Bloch, dentre outros, influenciou vários outros medievalistas posteriores que buscaram cada vez mais alargar a noção de poder na Idade Média e propor novas formas de se fazer política ou de se interpretar politicamente ações e acontecimentos dentro do mundo medieval.

Este artigo visa a se aproximar desta nova História Política, buscando interpretar e contextualizar acontecimentos vivenciados no governo de Ricardo, o Destemido, sobretudo aqueles referentes às relações estabelecidas pelos normandos com francos e escandinavos. Essas relações estão além de tratados diplomáticos e decretos oficiais, mas também se encontram presentes e visíveis, por exemplo, na forma de passagens que indicam a presença de costumes nórdicos na corte de Ricardo, ou nos benefícios concedidos a casas religiosas pelo soberano normando. Essas passagens, que podem ser tomadas e compreendidas sob uma ótica mais voltada a um estudo sociocultural do governo de Ricardo, também servirão de base para a construção de nosso entendimento das políticas normandas com relação a francos e escandinavos.

Buscaremos demonstrar a fluidez e a ampla abrangência das questões de poder na Normandia medieval e como elas podem ser entendidas e percebidas nos mais variados contextos da narrativa de Dudo. Pretendemos demonstrar como aspectos socioculturais presentes no relato podem servir de material para uma compreensão da política normanda com as populações de origem nórdica e outros nobres francos fora de sua esfera de autoridade.

⁵ RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

⁶ BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

O objetivo é entender a política normanda para além dos quadros clássicos de poder tão defendidos pela antiga historiografia política. Este caminho permitirá um melhor entendimento do posicionamento político de Ricardo com relação a suas alianças políticas com escandinavos e francos, por meio do estudo da narrativa de Dudo. Com este objetivo, não podemos desconsiderar também que a obra de Dudo se trata de uma representação com fins literários e políticos. Assim, a representação de Ricardo pretendida por Dudo e seu objetivo por trás da narrativa também serão consideradas ao longo do estudo.

Assim, como já foi mencionado, este artigo apresenta duas hipóteses que procurará defender. Primeiramente, que as políticas e relações estabelecidas por Ricardo com francos e escandinavos não podem ser entendidas como um afastamento da esfera franca, nem como uma busca por abandonar as conexões com os nórdicos; porém, devem ser vistas como, de certo modo, uma continuação da política de seu pai de tornar essa Normandia um território de intersecção entre as duas esferas geopolíticas e consolidar e expandir o poderio e influência normanda tanto no mundo franco quanto no escandinavo. A outra hipótese é a de que essas relações e políticas de Ricardo estão conectadas a aspectos socioculturais observáveis nessa Normandia, como a linguagem e a religião, tornando evidente a conexão entre as duas esferas da sociedade normanda.

Assim, este artigo pretende analisar a narrativa de Dudo sobre a vida de Ricardo através de uma visão política. Embora o artigo estude trechos da obra que apresentam características socioculturais da Normandia do século X, o principal foco é traçar a correlação entre essas características e o posicionamento político de Ricardo I frente a francos e escandinavos que não estão sob a autoridade de Rouen. Por conseguinte, campos de estudo importantes e que demandam um estudo mais detalhado, como as questões referentes à identidade normanda ou um estudo linguístico dessa Normandia, não serão aprofundados neste artigo, sendo considerados como objetos de estudo para a futura continuação desta pesquisa.

A Historia Normannorum de Dudo de Saint-Quentin

Algumas considerações iniciais sobre o autor e sua obra se fazem necessárias antes de nos aprofundarmos em nosso estudo. Dudo de Saint-Quentin, um cônego da abadia de Saint-Quentin, na região da Picardia, sob a proteção e serviço de Adalberto de Vermandois, teria sido enviado por este até a Normandia como um membro diplomático junto à corte de Rouen, a fim

de promover negociações junto a Ricardo, o Destemido⁷. A presença de Dudo na Normandia teria um grande impacto na própria historiografia normanda.

Isso se deve ao fato de ser creditada a Dudo a autoria da primeira crônica dos soberanos da Normandia, de seus governos e feitos, um documento encomendado pela própria corte de Rouen para ser divulgado e lido dentro dos domínios da dinastia normanda. Havia obras anteriores que mencionaram os soberanos normandos, como os Anais de Flodoardo, porém estes não tinham como preocupação e objetivo relatar e narrar a história e feitos dos normandos, tratados mais como eventos secundários; também é importante lembrar que não foram documentos produzidos por ordem dos próprios normandos.

Tal constatação enfatiza a importância do relato de Dudo como a primeira grande narrativa sobre a história normanda e seus governantes, promovida pela própria corte de Rouen. Os anos após a chegada de Dudo em terras normandas, na década de 980, marcariam, portanto, não somente a escrita de sua obra mais conhecida, mas também a primeira tentativa por parte da corte normanda de produzir uma narrativa oficial sobre a origem e o desenvolvimento da Normandia e do povo normando⁸.

Como foi abordado por Fraser McNair, o mais provável é que o próprio Ricardo I da Normandia teria encarregado Dudo de escrever uma obra sobre os normandos; porém, como afirma o autor, este projeto inicial de Ricardo parece não se tratar de nenhuma crônica sobre os soberanos normandos⁹. Na verdade, o pedido inicial de Ricardo seria que Dudo registrasse costumes e os atos marcantes da Normandia, em especial que compilasse as leis criadas por seu avô Rollo, o fundador da dinastia normanda.

Com a morte de Ricardo, a obra foi novamente encomendada por um membro da corte normanda, mas com um objetivo diferente. Desta vez, a obra foi redigida sob ordem de Raul ou Rodulf de Ivry, um meio irmão de Ricardo por parte de sua mãe bretã Esprota. Segundo McNair, Dudo e Raul parecem ter se tornado próximos durante a estadia do primeiro na corte de Rouen¹⁰. A escolha de Raul por Dudo para construir tal narrativa literária, quando existiam tantos outros cronistas e escritores tão habilidosos quanto ou até mais que Dudo em Rouen, não foi sem propósito. Pelo contrário, Raul escolhe Dudo justamente com a intenção de confiar essa

⁷ HOUTS, E. **The Normans in Europe**. Manchester: Manchester University Press, 2000.

⁸ POHL, Benjamin. **Dudo of Saint-Quentin's Historia Normannorum: Tradition, Innovation and Memory**. Woodbridge: Boydell and Brewer, 2015.

⁹ MCNAIR, Fraser. **The politics of being norman in the reign of Richard the Fearless, Duke of Normandy (942-996)**. In: *Early Medieval Europe*, 2015, p. 319.

¹⁰ MCNAIR, Fraser. **The politics of being norman in the reign of Richard the Fearless, Duke of Normandy (942-996)**. In: *Early Medieval Europe*, 2015, p. 320.

importante tarefa a um homem de sua confiança que passasse para o documento exatamente o que fosse do interesse da corte normanda.

Como lembra McNair, a influência de Raul não se limitaria à encomenda do trabalho¹¹. Para criar tal relato, Dudo se utilizou de crônicas francas disponíveis no período e de relatos de membros da corte, em especial de Raul e da viúva de Ricardo, Gunora. Isso é visível pelo grande conhecimento de detalhes que Dudo demonstra da vida na corte normanda durante o governo de Ricardo, uma face do mundo normando visto e vivido por Raul e narrada em primeira mão para o desenvolvimento da obra de Dudo até sua conclusão em 1015.

A *Historia Normannorum* se divide em quatro partes, das quais a última será analisada neste artigo, por ser a única a tratar do governo e vida de Ricardo I. Como já foi dito, a obra de Dudo se trata de um documento pioneiro e vital para a historiografia normanda; contudo, mesmo assim, trata-se de um documento que sofre certas críticas. Como salienta McNair, muitos autores reconhecem o trabalho de Dudo como uma obra de maior preocupação literária que historiográfica¹². Dessa forma, Dudo estaria mais preocupado em criar uma obra agradável esteticamente, que uma narrativa histórica sólida.

Embora essas críticas tenham fundamento em muitos aspectos, desprezar a obra de Dudo como fonte histórica parece uma atitude errônea. A obra de Dudo tem importância ímpar por mostrar uma construção historiográfica do passado normando proposta pelos próprios normandos. As intenções e os objetivos da corte de Rouen com essa narrativa estão claros no trabalho de Dudo. Além disso, como foi dito, Dudo escreve a crônica mais próxima à própria corte de Ricardo, resultado de seus ilustres informantes, o que torna seu trabalho indispensável para um estudo do governo desse soberano.

Por fim, a validade da obra de Dudo pode ser atestada por sua influência em outra importante obra. Décadas após a narrativa de Dudo, o cronista Guilherme de Jumièges escreveria outra narrativa sobre os soberanos normandos e seus governos, a *Gesta Normannorum Ducum*. Essa crônica se estende desde os ataques vikings ao reino franco até o governo de Guilherme II da Normandia e sua conquista do Reino da Inglaterra em 1066. A *Gesta* seria continuada posteriormente por outros dois autores, Orderico Vital e Roberto de Torigni, cobrindo toda a narrativa desde a fundação da dinastia normanda até a morte de seu último soberano Henrique I Duque da Normandia e rei da Inglaterra.

Como foi defendido por Elisabeth Van Houts, a obra iniciada por Jumièges tem uma proposta diferente da de Dudo. Encontramos na *Gesta* uma narrativa mais crítica e próxima a

¹¹ Ibidem, p. 321.

¹² Ibidem, p. 319.

um trabalho historiográfico. Guilherme e seus sucessores não somente se basearam em documentos escritos, como parecem ter feito uma avaliação criteriosa destes textos. Isso fica claro pela presença de diferenças entre a *Gesta* e obras que ela tomou como base. Um destes textos seria justamente a obra de Dudo. Como mostra Van Houts, a obra de Jumièges se utiliza amplamente do relato de Dudo, porém não a reproduz em sua totalidade, fazendo uma seleção do que seria utilizado em sua própria narrativa¹³. Tal fato reforça a importância da *Historia Normannorum* de Dudo como uma fonte válida do período, mesmo com toda sua problemática, servindo de base para outras construções historiográficas normandas.

Sobre a versão da *Historia Normannorum* utilizada neste artigo, escolhemos a de Eric Christiansen. Na realidade, quando falamos sobre versões da História de Dudo, sem dúvida, a mais conhecida é a versão editada por Jules Lair em 1865, que não somente ganhou notoriedade como teve uma influência considerável nos estudos sobre Dudo¹⁴. Entretanto, como foi dito por Benjamin Pohl, a versão de Lair é alvo de uma série de críticas, em especial a respeito de sua falta de cuidado com as várias versões do manuscrito, negligenciando certas versões da narrativa de Dudo¹⁵. Desta forma, a tradução mais atual de Christiansen se mostra uma edição crítica mais completa e mais preocupada com a organização textual e com maior cuidado em sua edição.

A conquista do Oeste normando por Guilherme, Longa-Espada

Outra questão que não pode ser esquecida ao se utilizar a fonte de Saint-Quentin é a presença de temporalidades distintas em sua obra, ou seja, ter em mente que a Normandia de Dudo não é a mesma Normandia de Rollo ou de seu filho Guilherme. Na verdade, podemos enxergar uma visão do governo desses dois primeiros soberanos normandos bastante própria dos tempos de Dudo. Isso fica evidente no que tange à doação de terras feita por Carlos III para Rollo. Dudo faz entender que toda a Normandia, ou todo o território normando existente em seu próprio tempo, além da Bretanha foram concedidos a Rollo e seus descendentes. Dificilmente esta seria a visão de um contemporâneo de Rollo. O mais provável seria que Rollo tenha recebido apenas as terras em torno de Rouen, uma região já bastante ocupada por escandinavos.

¹³ HOUTS, E. *The Gesta Normannorum Ducum*: A history without an end. In: BROWN, Allen (ed). *Anglo-Norman studies III: Proceedings of the battle conference*. Woodbridge: Boydell and Brewer, 1981, p. 110.

¹⁴ LAIR, Jules (ed). *De moribus et actis primorum Normanniæ ducum*. Caen: Mémoires de la Société des Antiquaires de Normandie 23, 1865.

¹⁵ POHL, Benjamin. *Dudo of Saint-Quentin's Historia Normannorum*: Tradition, innovation and memory. Woodbridge: Boydell and Brewer. 2015, p. 35-40.

Como demonstra Mark Hagger, uma das regiões mais problemáticas para a dinastia normanda controlar seria o Oeste, ou a região chamada hoje de Baixa Normandia¹⁶. Podemos observar uma busca constante até o governo de Ricardo I por estabelecer a autoridade da dinastia normanda na região. Segundo David Crouch, isso se deve ao fato de que a região de Bayeux e a Península de Cotentin a Oeste de Rouen possuíam a presença de assentamentos escandinavos que não estavam sobre o domínio da dinastia normando¹⁷. Assim, essa região era controlada por senhores da guerra e chefes nórdicos que os soberanos da dinastia normanda buscaram veementemente trazer sob seu domínio e influência.

Um momento de grande importância nessa conquista do Oeste normando deu-se com Guilherme, Longa-Espada, filho e sucessor de Rollo. Para Crouch, o rei Raul, que via em Guilherme um aliado, teria encorajado Guilherme a conquistar esses territórios sob controle escandinavo, não somente da atual Normandia, mas a própria Bretanha que também estava sofrendo com o controle escandinavo¹⁸. Guilherme parece ter estendido com sucesso seu controle na região, atestado por moedas cunhadas por ele encontradas tão longe quanto ao sul de Monte Saint-Michel e por uma moeda na qual ele se identificaria como duque da própria Bretanha¹⁹.

Essa conquista da região de Bayeux e da Península de Cotentin não passa despercebida no texto de Dudo. Em seu relato, Dudo menciona uma rebelião por parte de um certo Rioulf contra Guilherme²⁰. O mais provável seria que este Rioulf seria um chefe nórdico submetido por Guilherme em sua conquista da Baixa Normandia. Contudo, como demonstra Crouch, é possível que Guilherme não tenha conquistado a região de Bayeux e Contentin somente pelo uso da força²¹. Isso fica evidente pelo relato de Dudo que procura demonstrar a grande admiração e amor que os nórdicos da região teriam por Guilherme. Dessa forma, é muito provável que muitos comandantes e lideranças desses assentamentos escandinavos teriam escolhido livremente se aliar a Guilherme.

Neste ponto, entramos no primeiro grande marco na narrativa de Dudo sobre a vida de Ricardo. Segundo ele, após o nascimento de seu filho e herdeiro, Guilherme teria enviado

¹⁶ HAGGER, M. **How the west was won: The normans Dukes and the Contentin c. 987-1087**. In: Journal of medieval History, 2012, p. 20-55.

¹⁷ CROUCH, David. **The normans: The History of a dynasty**. Londres: Hambledon and london. 2002, p.8-9.

¹⁸ Ibidem, p. 10.

¹⁹ Ibidem, p. 8-9.

²⁰ DUDO DE SAINT-QUENTIN. **Historia normannorum**. Tradução de Eric Christiansen. Woodbridge: The Boydell Press, 1998, Folios 37v-38v.

²¹ CROUCH, David. **The normans: The History of a dynasty**. Londres: Hambledon and london. 2002, p.8-14.

Ricardo para ser criado em Bayeux²². A escolha de Bayeux ocorre, pois, como escreve Dudo: “*Quoniam quidem rotomagensis ciuitas. romana potius quam dacisca utitur eloquentia. et baiocacensis fruitur frequentius dacisca lingua quam romana*”²³. Desse modo, Guilherme enviou seu filho para Bayeux, onde as pessoas prefeririam se expressar em nórdico ou na língua dácia, como Dudo identifica, do que em línguas provenientes do latim, para que assim seu filho aprendesse o nórdico a ponto de poder discutir fluentemente com habitantes da própria Escandinávia.

Essa passagem, que nos proporciona um importante relato cultural dessa região no período, também nos permite inferir uma grande motivação política por trás da atitude de Guilherme. Primeiramente, o fato de Bayeux utilizar mais de dialetos nórdicos e de Guilherme enviar seu filho para aprender a linguagem nessa cidade confirma o fato de a Baixa Normandia estar sobre controle de lideranças de origem escandinava. Isso não quer dizer que a população seria nórdica em sua maioria, uma vez que, como foi defendido por inúmeros autores como Eleanor Searle, os nórdicos, ao que tudo indica, seriam minorias numericamente no norte francês²⁴. Porém, isso reforça a ideia de que esses nórdicos seriam os detentores do poder político na região, a ponto de sua língua prevalecer.

Quando falamos sobre a educação de Ricardo em Bayeux, obviamente nos referimos a um nobre que fica sobre os cuidados de membros da elite, como sua posição exige. Desse modo, dificilmente o relato de Dudo se refere à população franca comum de Bayeux. Neste ponto vemos o importante peso político que Ricardo exerce logo em sua tenra idade. Seu pai havia submetido a Baixa Normandia, de controle escandinavo, através de guerras e alianças; porém, mesmo após sua vitória, seu domínio não pode ser considerado estável ou plenamente seguro na região. Isso é comprovado pelo grande caos e desordem verificados na região após o assassinato de Guilherme por ordem de Arnulf de Flandres. Dessa forma, enviar seu herdeiro para Bayeux parece uma decisão política muito importante, buscando reforçar os laços que vinculavam os nórdicos do Oeste com a casa de Rouen.

A questão linguística, de fato, seria uma abordagem de estudo extremamente interessante. Podemos, inclusive, traçar um paralelo entre a situação da Normandia até os tempos de Ricardo e a situação vivenciada no Reino da Inglaterra após a conquista normanda

²² DUDO DE SAINT-QUENTIN. *Historia normannorum*. Tradução de Eric Christiansen. Woodbridge: The Boydell Press, 1998, folio 51v.

²³ “A cidade de Rouen usa o romano mais que a eloquência dácia, e Bayeux usa a linguagem dácia mais frequentemente que o romano”. (Tradução nossa).

²⁴ SEARLE, Eleanor. *Predatory kinship and the creation of norman power, 840-1066*. Oakland: University of California, 1988.

deste em 1066. Tal influência normanda é verificada nas características franco-normandas presentes na arquitetura, nas artes, na organização militar, na administração e, em grande parte, nas estruturas linguísticas, uma vez que o dialeto franco-normando terá um grande impacto e trará consideráveis transformações à língua inglesa.

A análise linguística transforma-se em um instrumento fundamental aos estudos escandinavos na Normandia. Como afirmou Else Roesdahl em seu estudo sobre a arqueologia escandinava na Normandia, os registros e as evidências materiais de uma presença escandinava no território normando são escassos e raros²⁵. Dessa maneira, a principal evidência dessa presença nórdica, além de fontes posteriores ou estrangeiras escritas, provém do estudo linguístico, sobretudo do estudo de topônimos.

Os topônimos encontrados por todo o território normando, variando amplamente de região para região, ilustram, segundo Abrams, uma presença real e constante desses escandinavos na região²⁶. A influência nórdica também pode ser vista em menor quantidade no próprio dialeto normando, com a presença de palavras originadas do nórdico antigo ou combinações entre palavras de grafia latinas com palavras de origem escandinava. Um bom exemplo disso é percebido em palavras e termos de cunho marítimo e comercial, duas áreas que tiveram um amplo impacto nas comunidades escandinavas na região.

Tais fatores atestam a existência de escandinavos na Normandia. A própria preocupação de Guilherme para que seu herdeiro obtivesse uma educação exemplar no dialeto, aparentemente junto a lideranças de origem escandinavas, ilustra a importância do conhecimento da sociedade e cultura nórdicas para os soberanos normandos. Isso reforça a ideia de uma presença e migrações constantes de escandinavos tanto para a Alta quanto para a Baixa Normandia.

Contudo, embora essa presença não possa ser negada, o seu tamanho e a sua influência são focos de intensas discussões historiográficas. Para alguns autores, sobretudo autores franceses, como Pierre Bauduin, a ampla assimilação por parte desses escandinavos nas instituições carolíngias e sua rápida aceitação dos costumes e tradições francas contribuíram para uma transformação destes escandinavos. Assim, ocorreria a assimilação desses nórdicos

²⁵ ROESDAHL, Else. **What may we expect? On the problem of vikings and archaeology in Normandy.** In: FLAMBARD HÉRICHER, Anne-Marie (ed.). *La progression des vikings, des raids a la colonisation.* Rouen: Publications de la Université de Rouen, Cahiers de GRHIS, 2003, p. 207-214.

²⁶ ABRAMS, Lesley. **England, Normandy and Scandinavia.** In: *A companion to anglo-norman world.* Woodbridge: Boydell and Brewer Press, 2003.

dentro do contexto político e social franco²⁷. Para esses autores, a presença escandinava desempenhou pouca influência na construção desta Normandia.

Para outros autores, como Eleanor Searle, a presença nórdica é fundamental para a construção de uma Normandia. De fato, Searle leva essa percepção até as categorias mais extremadas. Para ela as regiões da Alta e Baixa Normandia no governo dos primeiros soberanos normandos podem ser entendidas como regiões dominadas por uma série de chefes escandinavos, dentre os quais o soberano normando seria um que havia recebido a suserania e a concessão de terras do rei dos francos²⁸. Assim, segundo ela, a história da construção da Normandia se trata de uma história de como a dinastia de Rouen submeteu as outras lideranças nórdicas na região, seja pela guerra, pelas alianças ou pelos laços matrimoniais.

Pode ser dito que ambas as visões têm respaldo nas fontes historiográficas, de certo modo. Isso é visível, por exemplo, na narrativa da vida do próprio Guilherme, Longa-Espada, por Dudo. Nessa narrativa vemos um governante cristão que se esforça para criar alianças e se inserir nessa esfera franco-carolíngia. Guilherme busca se colocar plenamente dentro das instituições carolíngias, o que é atestado pelo seu amplo apoio e pelos benefícios concedidos a Igrejas e organizações religiosas cristãs. Esse objetivo de Guilherme também é evidenciado por seu papel na ascensão ao trono de Luis IV (920-954) e em sua presença na comitiva diplomática conduzida pelo rei junto a Henrique, o rei dos francos orientais. Em tudo isso podemos enxergar um soberano franco exaltado por sua cristandade e assimilado na realidade política franca.

Em contrapartida, também vemos na narrativa sobre Guilherme o desafio de Rioulf a ele. Observa-se a forma como os próprios homens de Guilherme o aconselham a não depender do apoio franco para submeter Rioulf. Segundo Dudo, Guilherme teria sido vítima de críticas por estar excessivamente próximo dos francos, tanto política quanto culturalmente, e isso teria possibilitado a revolta de escandinavos contra Guilherme²⁹. Assim, seu conselheiro Bernardo, o dinamarquês, lhe aconselha a submeter Rioulf e os seus seguidores pela ação de seus próprios homens, seus normandos, e não contar com o auxílio franco³⁰. Essa passagem ilustra muito bem a situação expressa por Searle. Guilherme é visto como uma liderança de origem escandinava que tem que submeter outros chefes escandinavos a fim de expandir seu controle na região. A

²⁷ BAUDUIN, Pierre. **La première Normandie (Xe–XIe siècles): sur les frontières de la haute Normandie: identité et construction d’une principauté**. Caen: Presses universitaires de Caen, 2004.

²⁸ SEARLE, Eleanor. **Predatory kinship and the creation of norman power, 840-1066**. Oakland: University of California, 1988.

²⁹ DUDO DE SAINT-QUENTIN. **Historia normannorum**. Tradução de Eric Christiansen. Woodbridge: The Boydell Press, 1998, folio 37v.

³⁰ Ibidem, folios 38v-39v.

preferência do nórdico aos dialetos latinos na Baixa Normandia também evidencia a realidade dessas lideranças nórdicas na região que Guilherme busca controlar.

Essa condição da dinastia normanda não parece ser anormal ou inesperada. Como demonstra Abrams, quando tratamos da Normandia até o governo do duque Roberto I, estamos lidando com soberanos que mantêm uma política ambígua³¹. Guilherme e seu filho Ricardo terão uma face diferente para lidar com francos e outra para lidar com escandinavos. Podemos dizer que o soberano normando sabe tanto se colocar como um nobre franco cristão quanto uma liderança escandinava. A presença dessas duas facetas é o que permite a essa Normandia se consolidar e obter importantes alianças tanto no mundo franco quanto nórdico.

Outra forma de entendimento foi proposta pelo renomado historiador (da historiografia normanda) Lucien Musset. Musset busca estabelecer um paralelo entre a situação normanda e a experimentada no reino da Nortúmbria, no Norte do que é hoje a Inglaterra³². Esse reino anglo-saxão do Norte havia sido conquistado por escandinavos no século IX. O resultado foi a construção de um reino fortemente influenciado pela presença política, social e comercial escandinava e numerosas comunidades de origem nórdica na região.

Para o autor, essa realidade conduziria as elites e lideranças escandinavas a duas facções sociopolíticas distintas³³. Para alguns, parecia mais promissora uma aproximação com os reinos anglo-saxões cristãos, o que se refletia tanto em alianças políticas quanto em assimilações socioculturais. Para outros, tais alianças deveriam ser buscadas com outros escandinavos, muitas vezes pagãos, provenientes da Escandinávia e dos reinos nórdicos estabelecidos na Irlanda, dos quais constantemente saíam migrantes de origem escandinava para a Nortúmbria.

Essa divisão entre chefes escandinavos que preferem se aproximar politicamente de outras lideranças nórdicas e escandinavos que priorizam a assimilação com as estruturas políticas e socioculturais já existentes nas regiões ocupadas também é vista no contexto normando. A passagem sobre a infância de Ricardo em Bayeux por Dudo ilustra essa realidade³⁴. Enquanto Rouen e a dinastia normanda se inclinam para uma assimilação sociocultural dentro da esfera carolíngia, os chefes escandinavos da Baixa Normandia preferem

³¹ ABRAMS, Lesley. **England, Normandy and Scandinavia**. In: A companion to anglo-norman world. Woodbridge: Boydell and Brewer Presse, 2003.

³² MUSSET, Lucien. **Relations et échanges de influence dans La Europe du Nord-Ouest (Xe-XIe siècles)**. Cahiers de civilisation medievale, Janvier-Mars, 1958, p. 63-72.

³³ Ibidem, p.73-76.

³⁴ A situação da Normandia durante o século X aparenta ter similaridades marcantes com outros reinos e regiões nas quais os escandinavos se assentaram durante a Era Viking. Em especial, a região norte do que hoje é a Inglaterra apresenta um paralelo muito interessante para um futuro estudo comparado, em especial pela própria conexão e pelas relações que se estabelecem entre normandos, anglo-saxões e escandinavos durante os séculos X e XI.

buscar contatos e influências dentro do próprio contexto nórdico, refletido em sua realidade sociocultural.

Isso também é evidente no confronto de Guilherme com Rioulf. Quando os próprios homens de Guilherme, de origem escandinava, se posicionam contrários à busca de auxílio junto aos francos, afirmando que Guilherme deveria ganhar por si aquele confronto entre líderes nórdicos. De certa forma, tanto a visão de Bauduin quanto a de Searle são satisfeitas aqui. Enxergamos uma forte assimilação sociocultural ao mundo franco em Rouen e por parte dos soberanos normandos. Da mesma forma, podemos observar a liderança de Rouen como somente uma das várias lideranças de origem escandinava na região, que busca submeter os outros chefes de origem escandinava.

Porém, é importante salientar a presença dessa divisão dentro dos próprios normandos de Rouen. Embora Guilherme busque uma aproximação com o mundo franco, vemos uma reação de seus próprios homens contrária a esta assimilação franca. Dessa forma, podemos ver Guilherme mediando tanto lideranças que buscam se assimilar com o mundo franco quanto chefes e lideranças nórdicas avessas a essa proximidade. A forma como Guilherme e, depois, Ricardo lidam com ambas as ambições pode ser entendida como uma das principais causas para a Normandia se consolidar como uma importante força política na esfera franca bem como na escandinava.

O governo de Ricardo, o Destemido

Como Dudo conta, após a morte de seu pai Ricardo é apontado como o novo soberano normando³⁵. Entretanto, o rei Luís IV, desejoso de retomar o território normando ao controle real direto, mantém Ricardo como refém em Laon e parte para submeter Rouen e os normandos. Nesse conflito, Bernardo de Rouen, um homem de origem escandinava, exerce um importante papel após Ricardo ser salvo de seu cativeiro em Laon e levado para as terras de seu parente e aliado Bernardo de Senlis.

Bernardo de Rouen obtém apoio militar de nórdicos para lutar contra Luis. Embora o texto de Dudo possa confundir o chefe desses nórdicos, Harald ou Airgold, com o próprio rei da Dinamarca Haroldo, Dente-Azul. O mais provável é que seria uma liderança escandinava de Bayeux, cujo poderio e influência no período se espalharam por uma ampla parte da Baixa Normandia, exercendo controle tanto sobre os nórdicos de Bayeux quanto de Contentin.

³⁵ DUDO DE SAINT-QUENTIN. *Historia normannorum*. Tradução de Eric Christiansen. Woodbridge: The Boydell Press, 1998, folios 50v-51v.

Assim, com o auxílio dos nórdicos de Harald, o rei Luís IV é capturado e mantido refém em Rouen. As negociações feitas com o vassalo mais poderoso do rei, Hugo, o Grande, levam à libertação de Luís de seu cativeiro em Rouen e à retomada e confirmação de Ricardo como líder legítimo dos normandos, consolidada pela sua entrada triunfante em Rouen.

Para Musset, esses conflitos do início do governo de Ricardo marcam a vitória da facção nórdica sobre a que optava por uma maior proximidade com o mundo franco³⁶. De fato, a oposição encontrada por parte de Ricardo perante a realeza carolíngia, até então um dos grandes aliados de seu pai e seu avô na esfera franca, e o apoio e alianças vitais para a sobrevivência da dinastia de Rouen encontradas junto às lideranças nórdicas teriam uma grande influência nas políticas de Ricardo. Para muitos autores como David Bates, o governo de Ricardo é marcado pelo afastamento e quase abstenção de participar das questões geopolíticas francas³⁷.

Dessa forma, Ricardo teria buscado se concentrar em assuntos dentro do próprio território normando, em vez de marcar atuar de forma ativa nas disputas francas como seu pai. Ricardo busca o estabelecimento e valoriza a proximidade e as alianças com lideranças escandinavas, seja dentro da própria Normandia, seja em reinos nórdicos além-mar. Tudo isso leva a crer em um suposto afastamento de Ricardo do mundo franco e uma preferência deste em se aliar com a esfera geopolítica nórdica.

Um reflexo disso é visto nas ações futuras de Ricardo. Como Dudo conta, novamente Ricardo se aliaria a nórdicos pagãos contra o rei franco. Desta vez, para batalhar contra Lotário I (954-986), sucessor de Luís IV, e o conde Teobaldo de Blois, que havia tomado a cidade de Evreux na Normandia, Ricardo se utiliza de guerreiros escandinavos para se sagrar vitorioso novamente e defender seu território contra o avanço da realeza franca. Dudo salienta, inclusive, a grande devastação feita por estes nórdicos no território franco – nórdicos, estes, que viam na figura de Ricardo um importante aliado³⁸. Inclusive, tal devastação teria sido incitada pelo próprio Ricardo que como escreve Dudo: “*petere giuoldi fossam iussit. et deuastare quae erant tetboldi et regis*”³⁹.

A boa relação de Ricardo com saqueadores e guerreiros de origem escandinava traria desdobramentos dentro de um campo de atuação muito mais amplo. Como demonstrado por Lauren Breese, Ricardo se destaca por apoiar e financiar abertamente a nova onda de atacantes

³⁶ MUSSET, Lucien. **Relations et échanges de influence dans La Europe du Nord-Ouest (Xe-XIe siècles)**. Cahiers de civilisation medievale, Janvier-Mars, 1958, p. 63-72.

³⁷ BATES David. **The Rise and Fall of Normandy, c. 911-1204**. In: _____; CURRY, Anne (eds.). **England and Normandy in the Middle Ages**. Londres: Hambledon Press, 1994, p. 19-36.

³⁸ DUDO DE SAINT-QUENTIN. **Historia normannorum**. Tradução de Eric Christiansen. Woodbridge: The Boydell Press, 1998, folios 79v-87v.

³⁹“Os enviou para Jeufosse para que devastassem as terras de Teobaldo e do rei”. (Tradução nossa).

escandinavos que pilham e devastam o Reino da Inglaterra⁴⁰. O apoio por parte de Ricardo a esses invasores dinamarqueses levaria à criação de uma animosidade entre Ricardo e o rei inglês Etelredo II.

Como pode ser observado, o período inicial do governo de Ricardo foi consideravelmente conturbado e marcado por intensas lutas entre francos e escandinavos. Segundo Crouch, o resultado disso seria a perda efetiva de todos os territórios da Baixa Normandia conquistados por seu avô e seu pai⁴¹. Se Guilherme havia estendido seu controle por toda a região de Bayeux, Cotentin e até a Bretanha, seu domínio efetivo da região estava longe de ser estável, e sua morte prematura permitiu que, novamente, a região caísse sob o controle de outros líderes e imigrantes escandinavos. Muitas dessas lideranças, como o próprio Harald de Bayeux, eram com pagãos.

Uma das maiores preocupações de Ricardo seria retomar esses territórios a Oeste e, sobretudo, consolidar efetivamente o domínio da dinastia normanda sobre esta região. Dessa forma, Ricardo buscava submeter e trazer as lideranças escandinavas para dentro de sua autoridade, como seu pai havia feito. Essa busca por alianças e conquistas na Baixa Normandia conduziria Ricardo a seu segundo casamento com uma mulher de origem escandinava da região que fontes posteriores, como a *Gesta Normannorum Ducum*, chamam de Gunora⁴².

Após perder sua esposa Emma de Paris, filha de Hugo o Grande, Ricardo se uniu em um relacionamento com uma mulher de origem escandinava. Dudo afirma que após ser instigado por seus conselheiros, Ricardo se casaria com ela através dos ritos matrimoniais cristãos⁴³. Isso deixa margem a questionar qual seria o tipo de relacionamento de ambos antes disso. Como foi tratado por autores como Breese, é muito provável que Ricardo tenha tomado essa mulher como concubina e então se unido a ela pelos costumes nórdicos, ou seja, ao modo dos dinamarqueses⁴⁴. De fato é questionável se Ricardo chegou realmente a se casar com Gunora sob os ritos cristãos. A união de Ricardo I com Gunora aparenta ter tido uma grande importância na sua campanha de reconquista e estabilização do Oeste normando.

Como podemos observar, Ricardo teve um governo marcado pelas boas relações e busca de alianças com populações escandinavas, seja dentro da própria Normandia ou além-

⁴⁰ BRESEE, Lauren Wood. **The Persistence of Scandinavian Connections in Normandy in the Tenth and Early Eleventh Centuries**. Viator, 8, 1977, p. 47-62.

⁴¹ CROUCH, David. **The normans: The History of a dynasty**. Londres: Hambledon and london. 2002, p. 14-24.

⁴² *Gesta Normannorum Ducum*. Tradução de François Guizot. *Collection de mémoires relatifs a L'Histoire de France*. Paris: Chez J. L. J. Brière Libraire, 1824.

⁴³ DUDO DE SAINT-QUENTIN. *Historia normannorum*. Tradução de Eric Christiansen. Woodbridge: The Boydell Press, 1998, folios 87v-89v.

⁴⁴ BRESEE, Lauren Wood. **The Persistence of Scandinavian Connections in Normandy in the Tenth and Early Eleventh Centuries**. Viator, 8, 1977, p. 47-52.

mar. Tudo isso aliado a suas guerras contra os carolíngios e sua falta de participação direta, como seu pai, na geopolítica franca, levaria à conclusão de um afastamento de Ricardo das políticas francas e uma maior aproximação com a esfera de influência escandinava. Em um estudo sobre essas conexões, Breese inclusive menciona a Normandia de Ricardo como um satélite escandinavo⁴⁵.

Contudo, podemos realmente afirmar que Ricardo buscou se isolar ou se afastar do mundo franco? Uma maior proximidade e a presença de importantes alianças com nórdicos pagãos tornam impossível a manutenção da política de seu pai de se colocar como um príncipe franco-cristão? Parece muito radical fazer essas afirmações, sobretudo se analisarmos a política de Ricardo no que tange ao mundo franco.

Primeiramente, como foi tratado por Crouch, se Ricardo não teve participação política ou militar tão direta nos outros principados francos se deve a sua luta por retomar e garantir a estabilidade dentro de seu próprio território, sobretudo nas terras a Oeste até a fronteira com a Bretanha⁴⁶. Tal fato parece explicar por que Ricardo não priorizaria uma política intervencionista dentro dos outros territórios francos.

Ainda assim, Ricardo não abandonaria a política franca, o que fica evidente no estabelecimento de uma aliança com Hugo, o Grande (898-956), o vassalo mais poderoso do rei franco no período. Essa aliança, como conta Dudo, selada por meio do casamento de Ricardo com Emma de Paris, seria continuada na figura do filho de Hugo, o homônimo Hugo Capeto (941-996)⁴⁷. Neste ponto, a aliança de Ricardo com Hugo se prova fundamental uma vez que Hugo Capeto ascendeu ao trono franco do Ocidente, iniciando a casa real capetíngia.

Como foi dito por Breese, a aliança entre normandos e capetíngios, arquitetada inicialmente por Ricardo e Hugo, teria importantes desencadeamentos⁴⁸. Um destes seria o posicionamento de Ricardo e seus sucessores como um dos mais próximos e notórios aliados dos reis capetíngios. Posteriormente, essa aliança traria grandes benefícios para ambos os lados e os sucessores de Hugo se tornaram o principal apoio e aliados dos soberanos normandos dentro da geopolítica franca até o início do governo de Guilherme, o Conquistador.

Como podemos afirmar, então, que Ricardo não se envolveu nas políticas francas ao apoiar a ascensão de Hugo e fazer dele um de seus grandes aliados? Talvez não tenha sido uma

⁴⁵ Ibidem, p. 54-62.

⁴⁶ CROUCH, David. **The normans: The History of a dynasty**. Londres: Hambledon and London. 2002. p. 14-24.

⁴⁷ DUDO DE SAINT-QUENTIN. *Historia normannorum*. Tradução de Eric Christiansen. Woodbridge: The Boydell Press, 1998, folios 64v-70v.

⁴⁸ BRESEE, Lauren Wood. **The Persistence of Scandinavian Connections in Normandy in the Tenth and Early Eleventh Centuries**. Viator, 8, 1977, p. 47-62.

participação tão fervorosa e direta como a de seu pai na ascensão de Luís IV, mas parece errôneo questionar o apoio e o reconhecimento por parte de Ricardo à ascensão de Hugo Capeto, seu afilhado, ao trono. Através dessas alianças Ricardo construiu uma relação positiva entre as dinastias normanda e capetíngia, o que traria importantes frutos e benefícios para seus herdeiros e para o ducado normando.

Outro ponto questionável do suposto afastamento de Ricardo da esfera franca seria a questão religiosa, ou, melhor dizendo, as questões referentes à Igreja. Como foi tratada por Bauduin, a inserção dos soberanos de Rouen dentro da esfera franca não se limitava a alianças políticas e militares⁴⁹. A assimilação de aspectos socioculturais e estruturas francas no contexto normando estavam estreitamente atreladas à busca desses normandos por protagonismo político e alianças no mundo franco. Dessa forma, o posicionamento de Guilherme, Longa-Espada, de buscar concretizar uma imagem de um príncipe cristão, assim como os outros nobres francos, não é sem propósito. Através disso Guilherme busca legitimar e consolidar sua posição e seus *status* frente aos outros nobres francos, que, muito provavelmente, viram em Rollo somente um líder escandinavo bárbaro e não um aristocrata semelhante.

A identificação de Rollo como um não igual é evidente na forma de tratamento concedida a esses soberanos normandos. É notório que fontes não normandas, sobretudo os escritos de Reims de Flodoardo e Richer, recusam-se a conceder o título carolíngio de conde a Rollo e seus descendentes. Para se referir a eles, ou é utilizado o título mais genérico de príncipe. Inclusive, como aborda McNair, seria uma preocupação grande de Guilherme o reconhecimento de sua posição⁵⁰.

O documento de Dudo em si se utiliza do termo duque normando. Porém, essa identificação é fruto de um tempo posterior, no governo de Ricardo II quando a posição dos soberanos normandos como duques estava consolidada em definitivo. Na realidade, as fontes, ao mencionarem Rollo, Guilherme I e Ricardo I, é mais comumente utilizado o título de conde de Rouen, mas, como vimos, mesmo este tem sua problemática. A própria política ambígua de alianças normandas teria seu papel aqui. Os soberanos de Rouen seriam vistos como condes de Rouen por seus aliados francos e Jarl de Rouen por seus aliados escandinavos, este último título muitas vezes equiparado ao de conde, uma atitude bastante problemática⁵¹.

⁴⁹ BAUDUIN, Pierre. **La première Normandie (Xe–XIe siècles):** sur les frontières de la haute Normandie: identité et construction d'une principauté. Caen: Presses universitaires de Caen, 2004.

⁵⁰ MCNAIR, Fraser. **The politics of being norman in the reign of Richard the Fearless, Duke of Normandy (942-996).** In: Early Medieval Europe, 2015, p. 315-328.

⁵¹ CROUCH, David. **The normans:** The History of a dynasty. Londres: Hambledon and london. 2002, p. 8-14

Desse modo, a construção da figura de Guilherme e de Ricardo como soberanos cristãos e defensores da Igreja é uma faceta fundamental e indispensável para garantir a consolidação dos soberanos normandos dentro da esfera política franca. A manutenção dessa imagem está intimamente relacionada à própria legitimidade dos soberanos de Rouen frente a outros nobres francos em sua aceitação e presença dentro da trama política da esfera de influência franca.

Assim, ser um soberano cristão e, sobretudo, consolidar sua imagem como tal é uma forma de atuação política por parte desses soberanos normandos no mundo franco. Sua importância pode ser vista no grande destaque de Dudo para a criação de uma imagem de Ricardo como um soberano cristão. Ricardo, na verdade, seria lembrado como um dos maiores benfeitores da Igreja na Normandia. Somente em seu governo podemos falar de um pleno restabelecimento das estruturas diocesanas na região.

Também é creditado a Ricardo a construção de diversas Igrejas e mosteiros na Normandia e o restabelecimento de abadias que haviam sofrido intensamente com os ataques escandinavos⁵². Além disso, Ricardo se notabilizou pelas amplas concessões de terras a casas religiosas e dioceses e pelo restabelecimento de lideranças eclesásticas em regiões que haviam sido deixadas por um tempo considerável com importantes posições episcopais vagas. Uma abadia que se beneficiou amplamente de uma boa relação com Ricardo foi a do Monte Saint-Michel, próximo à fronteira com a Bretanha, onde a atuação de Ricardo foi fundamental tanto pelas posses concedidas para a importante abadia quanto pela própria reestruturação e revitalização desta⁵³.

Outro evento marcante relacionado a essa imagem de benfeitor cristão de Ricardo ocorre após a morte de sua primeira esposa Emma de Paris. Ricardo utiliza a herança deixada por ela e bens de sua própria posse para presentear e garantir terras e privilégios a um amplo número de Igrejas no território normando e em terras francas⁵⁴. Toda a construção de Ricardo como um soberano cristão pode ser entendido como uma estratégia política para garantir a sua presença e a manutenção de sua posição como um soberano franco legítimo dentre os grandes de Francia. Porém, essa atitude de Ricardo se torna muito interessante pela preocupação dele em beneficiar não somente Igrejas normandas, mas também Igrejas francas além de seu território de controle.

Se Ricardo não atuou politicamente fazendo guerras ou participando de importantes reuniões diplomáticas fora de seu território e no restante do mundo franco, sua atuação junto às

⁵² Ibidem, p.16-22.

⁵³ CROUCH, David. **The normans**:The History of a dynasty. Londres: Hambledon and london. 2002, p. 20-22.

⁵⁴ DUDO DE SAINT-QUENTIN. *Historia normannorum*. Tradução de Eric Christiansen. Woodbridge: The Boydell Press, 1998, folios 87v-89v.

instituições religiosas é evidente. Toda essa preocupação de Ricardo em legitimar sua posição como um príncipe franco membro dessa cristandade franca e um verdadeiro igual dentro dos nobres que compunham tal quadro geopolítico tem um peso político fundamental. Para um governante que, no início de seu governo, teve sua autoridade confiscada por seu rei suserano e que podia observar outros nobres francos enxergando a Normandia como um alvo em potencial de conquista de territórios, a legitimação e a estabilidade seria um dos maiores objetivos de Ricardo. Para ele, que tinha como um de seus principais objetivos retomar os territórios a Oeste, perdidos após a morte de seu pai, garantir essa legitimidade bem como a consolidação de sua posição junto aos outros grandes poderes francos seriam de vital importância.

Porém, o uso político feito por Ricardo da Igreja e da revitalização das estruturas eclesiásticas não se limita à sua imagem frente aos outros príncipes francos. O papel da Igreja seria fundamental na reformulação administrativa proposta por Ricardo dentro de seu território. Como afirma Abrams, uma possibilidade para a escassez de documentos sobre as comunidades nórdicas estabelecidas na Normandia seria pelo fato de estas não verem necessidade de documentos escritos ou instituições burocráticas para confirmar suas posses e firmar suas alianças, limitando-se ou ao uso da violência ou a acordos verbais⁵⁵.

A situação dos escandinavos de Rouen seria diferente, e, graças à sua adoção e ao uso de instituições e costumes carolíngios, é lógica sua rápida aceitação destes meios legitimadores. Contudo, como os soberanos de Rouen estabeleciam alianças ou estendiam sua autoridade frente a outras lideranças escandinavas? No que tange às conquistas de Guilherme, Longa Espada, a Oeste a falta dessas estruturas mediadoras e administrativas parece ser uma das causas para a debilidade e a instabilidade do domínio de Rouen na região. Isso é confirmado pelo fato de a dinastia normanda perder a autoridade em quase toda a Baixa Normandia com a morte de Guilherme, que parece ter mantido seu controle sobre essas comunidades escandinavas justamente pela força e pelas alianças diretas com chefes escandinavos.

Assim, Ricardo investiria em renovar o quadro administrativo normando, adotando estruturas e instituições administrativas mais complexas para a totalidade de seu território, inclusive na Baixa Normandia, a Oeste⁵⁶, através de um uso mais amplo e constante de documentos escritos e de instituições administrativas mais burocráticas, se é possível utilizar tal termo no contexto. Por exemplo, uma das preocupações de Ricardo será estabelecer o *status*

⁵⁵ ABRAMS, Lesley. **Early Normandy**. *Anglo-norman studies*, 35, 2013, p. 54-64.

⁵⁶ CROUCH, David. **The normans**: The History of a dynasty. Londres: Hambledon and london. 2002, p. 14-20.

e posições efetivas de seus vassallos, como condes, viscondes e senhores, trazendo uma maior organização para uma estrutura até então consideravelmente complicada.

Dentro dessa nova realidade administrativa normanda, a Igreja terá um papel fundamental. Como lembra Abrams, diferentemente das comunidades escandinavas, as casas religiosas e abadias se esforçaram por registrar e preservar, por meio de documentos escritos, os eventos políticos e administrativos vivenciados, garantindo, assim, uma base documental sólida e sua posição como uma importante instituição legitimadora não somente da autoridade eclesiástica, mas também da própria autoridade de Ricardo na região⁵⁷.

Da mesma forma, a consolidação das estruturas religiosas e do cristianismo em si na Baixa Normandia possibilitam a Ricardo a obtenção de uma importante ferramenta mediadora e administrativa na região, permitindo-lhe exercer maior controle sobre produções, alianças e mesmo conflitos que antes seria impossível mediar ou controlar até então. A importância dessas instituições administrativas mais complexas e organizadas não pode ser subestimada e se trata de um dos grandes motivos para o sucesso da consolidação do domínio da dinastia normanda a Oeste, possibilitando a Ricardo não somente reconquistar, como também estabilizar seu domínio sobre os territórios anteriormente conquistados pelo seu pai.

Finalmente, cabe falar sobre uma importante motivação por trás da narrativa de Dudo. A obra de Dudo tem um valor político firmemente atrelado às intenções da dinastia de Rouen em seu tempo, ou seja, no governo de Ricardo II. Em um momento em que os soberanos normandos já estão consolidados em seu papel de duques e dominando um amplo território que engloba as mais diversas comunidades, a criação de uma narrativa normanda da história da Normandia se torna vital e junto com isso a idealização do que significaria ser normando e qual seria a essência unificadora deste povo⁵⁸.

Dudo desenvolve em seu relato algumas bases do que seria o ser normando, as quais passam pela diferenciação entre normandos e francos e entre normandos e escandinavos. Dessa forma, o texto de Dudo constantemente busca separar normandos de francos. Uma importante peça para garantir esta diferença é a ancestralidade escandinava dos soberanos de Rouen.

A ancestralidade proveniente de Rollo e seus seguidores nórdicos seria constantemente reafirmada como uma marca tradicional que os afasta de serem francos. É importante lembrar, como salienta Fraser McNair, que essa ancestralidade nórdica fundadora transcende à genética

⁵⁷ ABRAMS, Lesley. **Early Normandy**. *Anglo-norman studies*, 35, 2013, p. 54-64.

⁵⁸ A obra de Dudo de Saint-Quentin é um documento fundamental para tratar sobre a identidade normanda dos séculos X e XI. Embora seja um tema amplamente relevante, foi optado por não ser aprofundado neste artigo, servindo de objeto de estudo para a futura continuação desta pesquisa.

real, uma vez que muitos desses normandos não tinham origem escandinava por sangue. O irmão de Ricardo e principal relator de Dudo, Raul, era o melhor exemplo de um nobre normando filho de um franco e uma bretã, mas, ainda assim, um membro de destaque da aristocracia normanda⁵⁹.

Isso é visível no texto, por exemplo, quando os conselheiros de Luís IV o aconselham a retomar o território normando para o controle régio e expulsar os normandos de volta para a Dácia, ou seja, no caso, de volta à terra de Rollo na Escandinávia. Da mesma forma, quando os conselheiros de Ricardo o convencem a se casar pelo rito cristão com Gunora, é utilizado o argumento de que a união produziria um notável herdeiro, filho de pai e mãe nórdicos. A associação desse povo normando com seus fundadores escandinavos é constante e promove uma ampla diferenciação e afastamento entre normandos e francos.

Porém, segundo Musset, esses nórdicos que Dudo associa com o povo normando são os escandinavos de Rollo e migrantes que se estabeleceram na Normandia e se cristianizaram, ou seja, os escandinavos do passado normando e não as lideranças e reinos da Escandinávia contemporâneos de Dudo⁶⁰. O elemento nórdico é tratado como uma tradição e uma figura do passado. O governo de Ricardo II inclusive seria marcado pela busca desta distinção entre os bons escandinavos, Rollo e os construtores da Normandia, e os maus escandinavos, dinamarqueses e noruegueses do presente de Dudo. Assim, Dudo busca distinguir os ancestrais heroicos fundadores da Normandia e os dinamarqueses e noruegueses bárbaros que causam destruição em seu tempo.

Um momento em que essa oposição fica clara é logo após a vitória de Ricardo, utilizando-se de mercenários nórdicos pagãos, contra Lotário I e Teobaldo de Blois. Dudo conta como os guerreiros pagãos ameaçaram invadir e destruir todo o reino dos francos em busca de conquistas e riquezas. Ricardo busca, então, converter esses pagãos ao cristianismo e, assim, evitar a destruição do reino franco por eles⁶¹. A atitude de Ricardo tem considerável sucesso, permitindo aos francos escaparem da destruição destes bárbaros.

Nessa passagem é evidente que Ricardo é aceito por esses líderes escandinavos como empregador e um homem a quem eles poderiam se aliar – tudo isso em sintonia com a faceta de Ricardo própria para o mundo nórdico. Entretanto, o que verificamos depois é uma clara

⁵⁹ MCNAIR, Fraser. **The politics of being norman in the reign of Richard the Fearless, Duke of Normandy (942-996)**. In : Early Medieval Europe, 2015, p. 319-328.

⁶⁰ MUSSET, Lucien. **Relations et échanges de influence dans La Europe du Nord-Ouest (Xe-XIe siècles)**. Cahiers de civilisation medievale, Janvier-Mars, 1958, p. 63-82.

⁶¹ DUDO DE SAINT-QUENTIN. *Historia normannorum*. Tradução de Eric Christiansen. Woodbridge: The Boydell Press, 1998, folios 82v-87v.

oposição entre Ricardo, um defensor da cristandade que busca agir como missionário frente a esses pagãos e os outros nórdicos, ou a outras comunidades escandinavas fora de sua autoridade, aqui vistas como pagãos violentos e bárbaros, muito diferentemente das lideranças ancestrais nórdicas às quais os normandos estão atrelados e que marcam fortemente sua essência.

Considerações Finais

Como pudemos observar, ao longo deste estudo, algumas conclusões podem ser tomadas. Alegar que Ricardo não demonstrou interesse ou se isolou da política franca nos parece um pensamento um tanto equivocado. Ricardo continua se fazendo presente como um príncipe cristão desse reino franco e atuando politicamente para fora de suas fronteiras. A forma como Ricardo atua nessa geopolítica franca pode ser diferente da de seu pai ou da de seus descendentes, porém isso se deve, em grande parte, às expressivas distinções e transformações políticas vivenciadas na Normandia medieval ao longo do tempo. A Normandia de seu pai é diferente da de Ricardo e, por conseguinte, sua atuação teve que responder à sua realidade própria.

Torna-se evidente a grande importância dos contatos com o mundo escandinavo para o governo de Ricardo. Seja através de migrantes, comerciantes, mercenários ou aliados políticos, a presença e proximidade com esses nórdicos seria uma realidade do governo de Ricardo que ele buscava utilizar para expandir e consolidar sua autoridade. Outro fator importante foi perceber o risco de se generalizarem os escandinavos que se estabeleceram nesse Norte francês. Como foi tratado, a realidade de Rollo e seus nórdicos de Rouen não é a mesma dos nórdicos da Baixa Normandia, por exemplo, e essas diferenças afetam o próprio posicionamento e as relações da dinastia de Rouen em sua procura constante para submetê-los.

Fica evidente a singularidade da *Historia Normannorum* para o estudo da história da Normandia no século X. Em sua tentativa de desenvolver uma Normandia própria e única, diferenciando normandos de francos e escandinavos, o texto de Dudo mostra as relações e a dinâmica destes com a dinastia de Rouen e com a corte de Ricardo. Além de evidenciar a própria visão normanda, ou pelo menos da corte normanda, ilustra as correlações e relações políticas e socioculturais estabelecidas por Ricardo com francos e nórdicos.

Por fim, as políticas de Ricardo se aproximam das de seu pai e de seu avô, na forma de que foram tomadas objetivando a afirmação da posição e da autoridade dos soberanos de Rouen e a expansão de seu domínio. Assim como eles, Ricardo estabelece importantes relações políticas, econômicas e sociais, tanto com o mundo franco quanto com a esfera geopolítica escandinava, tornando essa Normandia em um protagonista político nos dois contextos

geopolíticos. A forma como Ricardo exerce esse poder e essa influência política, porém, é muito própria das particularidades vivenciadas em seu governo e de sua própria temporalidade, que diferenciam sua forma de atuação da de seu pai e de seu avô.

Referências

Fontes

DUDO DE SAINT-QUENTIN. *Historia normannorum*. Tradução de Eric Christiansen. Woodbridge: The Boydell Press, 1998.

Gesta Normannorum Ducum. Tradução de François Guizot. *Collection de mémoires relatifs a L'Histoire de France*. Paris: Chez J. L. J. Brière Libraire, 1824.

Bibliografia

ABRAMS, Lesley. **Early Normandy**. *Anglo-Norman Studies*, 35, 2013, pp. 45-64.

_____. **England, Normandy and Scandinavia**. In: *A companion to anglo-norman world*. Woodbridge: Boydell & Brewer press, 2003.

ALKAZWINI, Azhar A. **The Linguistic Influence of the Norman Conquest (11th Century) on the English Language**. *International Journal of Linguistics*, Vol 8, 2016, PP. 142-151.

BATES, David. **The Rise and Fall of Normandy, c. 911-1204**. In: _____; CURRY, Anne (eds.). *England and Normandy in the Middle Ages*. Londres: Hambledon Press, 1994, pp. 19-36.

_____. **Normandy before 1066**. London: Longman. 1982.

BAUDUIN, Pierre. **La première Normandie (Xe–XIe siècles): sur les frontières de la haute Normandie: identité et construction d'une principauté**. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2004.

_____. **Le monde franc et les vikings (VIIIe-Xe siècles)**. Paris: Albin Michel. 2009.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

BRESEE, Lauren Wood. **The Persistence of Scandinavian Connections in Normandy in the Tenth and Early Eleventh Centuries**. *Viator*, 8, 1977, pp. 47-62.

CROUCH, David. **Normans and anglo-normans: A divided aristocracy?** In: BATES, David; CURRY, Anne (eds.). *England and Normandy in the Middle Ages*. Londres: Hambledon Press, 1994, pp. 19-36.

_____. **The normans: The history of a dynasty**. London: Hambledon and London, 2002.

D'HAENENS, Albert. **As invasões normandas: Uma catástrofe?** São Paulo: Perspectiva, 1997.

- LAIR, Jules (ed). *De moribus et actis primorum Normanniæ ducum*. Caen:Mémoires de la Société des Antiquaires de Normandie 23, 1865.
- HAGGER, M. **How the West was won: The Norman Dukes and the Cotentin, c. 987–1087**. In: *Journal of medieval history*. 2012, p. 20-55.
- HOUTS, E. **The Gesta Normannorum Ducum: a history without an end**. In: BROWN, Allen (Ed). *Anglo-Norman Studies III: Proceedings of the Battle Conference* Woodbridge: Boydell & Brewer, 1981, pp. 106-115.
- _____, E. **The Normans in Europe**. Manchester: Manchester University Press, 2000.
- LE PATOUREL, John. **Normandy and England:1066-1144**.Reading: University of Reading,1971.
- MCNAIR, Fraser. **The politics of being Norman in the reign of Richard the Fearless, Duke of Normandy (r. 942–996)**. In: *Early medieval Europe*. 2015, pp. 308-328.
- MUSSET, Lucien. **Les relations extérieures de l'a Normandie du IXe au XIe siècle, d'après quelques trouvailles monétaires recents**. Annales de Normandie, IV, 1954.
- _____. **Relations et échanges d'influences dans l'Europe du Nord-Ouest (Xe-XIe siècles)**. Cahiers de Civilisation Médiévale, Janvier-Mars, 1958, pp. 63-82.
- POHL, Benjamin. **Dudo of Saint-Quentin's Historia Normannorum: Tradition, Innovation and Memory**. Woodbridge: Boydell and Brewer, 2015.
- RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro:Editora FGV.2003.
- ROESDAHL, Else. **What may we expect? On the problem of Vikings and archaeology in Normandy**. In: FLAMBARD HÉRICHER, Anne-Marie (ed.). *La progression des Vikings, des raids à la colonisation*. Ruão: Publications de l'Université de Rouen, Cahiers du GRHIS, 2003, pp. 207-214.
- SEARLE, Eleanor. **Predatory Kinship and the Creation of Norman Power, 840-1066**. Oakland: University of California, 1988.